

POPPER E SEU CÉREBRO

O dualismo interacionista de Popper costuma a ser largamente ignorado tanto pelos filósofos da mente quanto pelos epistemólogos popperianos. Para a filosofia da mente o dualismo e em especial o dualismo interacionista é considerado ultrapassado já fazendo parte do “lixo da história” assim como o fazem a astrologia, a alquimia e a bruxaria. Os filósofos da mente têm as suas razões para descartar tal aproximação ao problema mente-corpo, mas não desejamos trata-las aqui¹. Já o mesmo não se pode dizer dos epistemólogos popperianos, mesmo quando estes estudam as respostas de Popper a tal problema, tendem a dar a elas um lugar secundário em relação a todo o resto de sua epistemologia. Mas o fato é que a tal epistemologia precisa da separação e da interação entre o mundo 1, mundo 2 e mundo 3, que serão explicados mais à frente, para poder ser plenamente compreendida e tal separação entre mundos precisa de pelo menos um dualismo interacionista, veremos mais à frente que, na verdade, é um pluralismo interacionista, para ser coerente². Ou seja, se considerarmos o mundo 2 e o mundo 3 como nada mais do que aspectos do mundo 1, assim como é comumente defendido pela filosofia da mente contemporânea, a epistemologia de Popper perde largamente o seu poder argumentativo e pode, até certa medida, ser considerada refutada. Por este motivo o presente trabalho não pretende abordar a já exaustivamente estudada epistemologia popperiana, esta será considerada como um pressuposto, mas tem como intenção esclarecer o dualismo interacionista do mesmo e a sua relação com o mundo 2 e o mundo 3 e mostrar brevemente a sua importância para tal epistemologia.

O dualismo interacionista popperiano não tem como único motivo a fundamentação na filosofia da mente daquilo que ele defende em sua epistemologia. Uma das suas principais funções é dar a base para o que Popper chamou de “ética humanista”³, tal ética leva em consideração o sofrimento e o gozo humano considerando os seres humanos como seres insubstituíveis e fins em si mesmo. O motivo pelo qual o dualis-

¹ Tal problema já foi tratado em outro lugar. Ver: TOLEDO, Gustavo Leal (2003) *As Críticas a Filosofia Dualista da Mente*. Monografia. UERJ.

² Historicamente a epistemologia de Popper é anterior à sua divisão dos 3 mundos e sua filosofia da mente, mas isso não significa que estas não fundamentem aquela. É muito comum na filosofia que, com o aprofundamento das questões e o amadurecimento do autor, os textos mais fundamentais sejam escritos por último.

³ Ver: POPPER, Karl Raimund & ECCLES, John C. (1995) *O Eu e Seu Cérebro*. Brasília: Ed. UNB. p.21

mo interacionista é a base de tal ética é o fato de que todas as outras teorias da mente consideram o mundo físico, na terminologia de Popper⁴, o mundo 1, causalmente fechado. Isto quer dizer que todas as outras teorias consideram que eventos físicos só podem causar e ser causados por outros eventos físicos. Mas, se o mundo físico for de fato fechado, todas as ações humanas deveriam ser explicadas em termos de eventos físicos e de leis da física. Uma pessoa não iria ao dentista porque está com uma dor de dente, quer acabar com esta dor e sabe que o dentista pode fazer isso. Ela iria ao dentista porque tal estimulação das fibras nervosa do dente causou uma mudança no padrão cerebral que, por sua vez, causou um sinal nervoso que fez os seus membros se locomoverem até o dentista. Isto implicaria que o ser humano não seria mais do que uma máquina, um autômato, na terminologia da filosofia da mente contemporânea, um zumbi. Deste modo, seres humanos não seriam fins em si mesmo e cada ser humano seria perfeitamente substituível por outro ser que funcionasse da mesma maneira. Nada haveria de único e especial em cada ser humano. Mas Popper diz que considera “o materialismo um erro justamente porque não acredito que os homens sejam máquinas ou autômatos”⁵.

Deve ser deixado claro que nem todas as teorias da filosofia da mente que defendem o fechamento causal do mundo físico são materialistas. Popper deixa isto bem claro mas não só pretende defender o dualismo como também o interacionismo, pois se houver uma mente independente do corpo, mas ainda assim ela não puder causar nada neste corpo, o ser humano permanece tendo o funcionamento de uma máquina. Deste modo ele não é só contra o que ele chamou de behaviorismo radical ou materialismo radical, teoria que nega a existência de estados mentais. Ele também critica o pan-psiquismo, que diz que tudo tem mente e que o funcionamento da mente é paralelo ao do corpo, o epifenomenalismo, que diz que o cérebro causa eventos na mente, mas a mente não causa nada de físico, e a teoria da identidade, que diz que estados mentais existem, mas são idênticos a estados físicos do cérebro.

Popper considera que todas as doutrinas que defendem o fechamento causal do mundo físico podem ser colocadas sobre o mesmo lema, a saber, “não há nada de novo sobre o Sol”. Isto quer dizer que todas elas admitem que o mundo físico evoluiu por conta própria e que emoções, sensações, teorias, problemas e argumentos nunca tiveram e nem nunca terão nenhum papel para representar enquanto tal. Contra isso ele não só considera que emoções e sensações, ou seja, o mundo 2, e teorias, problemas e argumentos, o mundo 3, tiveram e têm um papel importante nos acontecimentos do mundo físico, mundo 1, como também considera que na própria evolução da matéria o novo pode surgir. Não só pode surgir algo que não era previsto como também pode surgir algo que não é explicável pelo seu nível inferior, ou seja, pelos seus constituintes. Para Popper, a evolução é, de certo modo, criativa e criadora, coisas verdadeiramente novas puderam emergir em seu caminho. Ele nos dá como exemplos de eventos emergentes a produção dos elementos mais pesados, o aparecimento da vida, o aparecimento da consciência e da sensibilidade, o surgimento da consciência do “eu” etc⁶. Todos estes eventos emergiram de eventos mais simples de níveis inferiores, mas uma vez criados

⁴ Que, na verdade, foi sugerida por Eccles. Ver: *Ibidem*, p. 61 n. 35

⁵ *Ibidem*, p.21

⁶ Ver: *Ibidem*, p. 36 e p. 48

eles não poderiam mais ser explicados em termos de eventos nos níveis inferiores. Em outras palavras, eles não podem ser reduzidos aos seus níveis constituintes.

Temos então o que Popper chamou de transcendência ou autotranscendência da matéria. A própria matéria transcendeu a si mesma criando objetos e mundos não materiais. Deste modo, “resta-nos apenas ficar admirados com o fato de que a matéria transcende a si própria, produzindo mente, vontade, e todo um mundo de produtos humanos”⁷. Paralelamente a isto há também o que ele chamou de transcendência ou autotranscendência do materialismo. Tal evento foi o fim da idéia de matéria como a substância que permanece igual a si mesma e que é a base sólida de todos os outros eventos. Ele se deu, principalmente, como o surgimento da teoria da relatividade, onde a separação entre matéria e energia foi quebrada, e com a física quântica, onde as partículas elementares perderam a sua identidade e a sua durabilidade. Assim, foi a grande tradição do materialismo que nos levou ao estudo do mundo físico e foi tal estudo que nos levou até a física quântica e a teoria da relatividade, por sua vez, tais teorias nos mostraram que a visão da matéria enquanto uma substância que permanece a mesma ao longo do tempo simplesmente não procede. Nas palavras de Popper:

(...) os resultados da física moderna sugerem que a idéia de substância ou essência deve ser esquecida. Eles sugerem que não há uma entidade provida de auto-identidade que resista a todas as mudanças no tempo⁸

Deste modo, ele deixa bem claro que não pretende responder questões do tipo “o que é ...?” Tais questões perguntam sobre a substância ou essência das coisas e não há motivos para acreditar que tais substâncias ou essências existam. Por este motivo seu dualismo pode causar algum estranhamento inicial, Popper diz claramente que é um dualista e que a mente não é o cérebro, mas também diz que não acredita em uma alma que sobreviva ao corpo⁹, em uma substância pensante cartesiana¹⁰ e nem mesmo na existência de mentes incorpóreas¹¹. Não devemos perguntar então sobre o que é ou do que é feito o mundo 2, o mundo 3 e até o mundo 1, mas somente questionar se eles realmente existem. Para defender a existência do mundo 2 e do mundo 3 como mundos diferentes do mundo 1, Popper usa a definição de que algo é real se tem algum papel causal, ou seja, se causa algo no mundo físico. Em suas palavras: “aceitamos as coisas como ‘reais’ se elas podem agir causalmente sobre ou interagir com coisas materiais reais comuns”¹². Aceitamos hoje em dia átomos como reais porque sabemos que eles podem causar efeitos físicos em objetos de tamanho natural que nós já previamente consideramos reais. Assim, para o mundo 2 e o mundo 3 serem reais basta mostrar que eles causam eventos que nós consideramos reais.

Na terminologia de Popper o mundo 1 é o universo das entidades físicas, o mundo 2 é o mundo dos estados e disposições mentais incluindo os estados de consciência, e o mundo 3 é o mundo do conteúdo dos pensamentos e dos produtos da mente hu-

⁷ Ibidem, p. 29

⁸ Ibidem, p. 24

⁹ Ver: Ibidem, p. 190

¹⁰ Ver: Ibidem, p. 141

¹¹ Ver: Ibidem, p. 259

¹² Ibidem, p. 27

mana. Deste modo, o problema da relação entre mente-corpo é o problema da relação mundo 1 - mundo 2. Mas, como veremos mais à frente, a relação entre o mundo 2 e o mundo 1 está intimamente ligada com a relação entre o mundo 2 e o mundo 3. O mundo 3 é onde estão os conteúdos objetivos da mente humana, é onde estão as teorias, os argumentos, os problemas, as soluções, as críticas etc. Nas palavras de Popper o “conhecimento científico pertence ao terceiro mundo, ao mundo de teorias objetivas, problemas objetivos e argumentos objetivos”¹³. Nele as teorias são consideradas em si mesmas independentemente da sua materialização no mundo 1 e da sua percepção no mundo 2. O mundo 3 é produto do pensamento humano, em outras palavras, do mundo 2. Mas é largamente independente deste assim como uma teia de aranha é produto desta mas, uma vez criada, independe dela. Uma vez criadas as teorias independem de quem as criou e de como elas foram criadas. Um exemplo disso são os números, para Popper os números foram criados pelo homem, mas quando eles são criados cria-se também problemas e questões que não foram intencionalmente criados. Quem criou os números não criou intencionalmente a diferença entre números pares e ímpares, também não criou intencionalmente os números primos e nem a conjectura de Goldbach de que todo número par maior que dois pode ser a soma de dois primos. Tais coisas foram descobertas e não inventadas, isto quer dizer que o mundo 3 é parcialmente autônomo, ele não depende inteiramente do mundo 1 e do mundo 2. Popper diz que “podemos descobrir estas conseqüências não-intencionais tal como se descobrem rios ou montanhas, o que prova que já existiam antes de serem descobertos”¹⁴. Isto nos leva a existência do que Popper chamou de objetos incorpóreos do mundo 3. Um objeto do mundo 3 é incorpóreo se, mesmo existindo, ele não tenha ainda se materializado no mundo 1, em forma de livros ou tecnologia, ou no mundo 2, como um conhecimento subjetivo. Um exemplo de um objeto incorpóreo seria um número primo ainda não descoberto. Uma vez criados os números ele passou a existir, mas nunca foi escrito ou pensado e, deste modo, é incorpóreo. Para Popper a existência incorpórea e objetiva deste número precede a sua descoberta consciente da mesma maneira que o Monte Everest precede a sua descoberta¹⁵. Deste modo, fica estabelecida a objetividade e a autonomia do mundo 3, mas além disso o mundo 3 também é real, ou seja, ele causa coisas no mundo 1 e no mundo 2. Uma teoria, por exemplo, pode fazer parte da construção de um novo aparelho tecnológico, o fato de que $2 + 2 = 4$ causa o fato de que eu sei que $2 + 2 = 4$ etc. O mundo 3 age causalmente no mundo 2 e, através dele, no mundo 1. Por este motivo Popper considera inegável a existência e a realidade do mundo 3.

Mas embora os objetos do mundo 3 sejam reais, autônomos e, algumas vezes, incorpóreos, o conhecimento de tais objetos não se dá por contemplação ou por algo como uma percepção intelectual que se dá pelo “olho da alma”. A percepção dos objetos do mundo 3 não se dá de forma passiva e sim de forma ativa, percebe-se o objeto criando-o ou recriando-o em sua mente. “Podemos entender a percepção de um objeto do mundo 3 como um processo ativo. Nós temos que explicá-lo como sendo o

¹³ POPPER, Karl Raimund (1975) *Objective Knowledge. An Evolutionary Approach*. Oxford: Oxford University Press. p.108. Minha tradução.

¹⁴ POPPER, Karl Raimund (2002) *O conhecimento e o problema corpo-mente*. Lisboa: Edições 70. p. 42.

¹⁵ Ver: Popper, 1995, op. cit. pp.65/66

feitio, a recriação deste objeto”¹⁶. Sabe-se que $2 + 2 = 4$ não observando com os olhos da mente esta adição e sim fazendo a conta na mente. Do mesmo modo, compreende-se uma teoria levantando o problema que ela quer resolver e refazendo os seus argumentos. Se for uma questão matemática os passos podem inclusive ser refeitos no papel. Se for uma questão filosófica temos que descobrir o problema e recriar a estratégia argumentativa objetiva do autor.

O processo de recriação nos coloca em contato com os objetos do mundo 3, mundo que é criação do homem e que não existia antes do homem o criar. A criação do mundo 1 é um problema que deve ser estudado pela cosmologia, a criação do mundo 2 será tratada quando estivermos discutindo a filosofia da mente de Popper, já a criação do mundo 3 foi proporcionada pelo advento da linguagem e, assim como o mundo 2, por pressões adaptativas. Para explicar o surgimento do mundo 3 Popper distingue 4 funções da linguagem¹⁷. A função expressiva é a simples expressão de um estado interno, uma cara de dor, por exemplo, é a expressão de uma sensação de dor. A função sinalizadora é a que permite mandar um sinal de algo para outro, por exemplo, um animal ao avistar um predador pode mandar um sinal de perigo para o seu bando. Estas duas funções são as mais básicas, podem ser encontradas em plantas, animais, no homem e até mesmo nos ditos objetos inanimados. Um termômetro, por exemplo, expressa o seu estado interno e sinaliza a temperatura de uma pessoa. Já as duas próximas funções são mais características do ser humano. A função descritiva é a capacidade de descrever algum estado de coisas ou evento, por exemplo, descrever o modo de fabricação de um certo instrumento. Tais descrições podem ser falsas ou verdadeiras e justamente pela necessidade de se discutir a verdade ou a falsidade das descrições surge a função argumentativa e argumentos podem ser válidos ou inválidos.

Podemos então ver como o mundo 3 surgiu por pressões adaptativas, em um primeiro momento os seres tinham somente a capacidade de expressar seus estados internos, mas estados internos como, por exemplo, o medo, normalmente expressam o perigo não só para o ser que o expressou como também para os que estão a sua volta. Assim, expressões como a do medo passaram a sinalizar coisas como perigo. Com o tempo os sinais de perigo foram se tornando mais específicos como vemos, por exemplo, nos suricates africanos, pequenos mamíferos parecidos com furões e que vivem em comunidades com mais de dez indivíduos, que tem sons diferentes para sinalizar um perigo que vem do céu e um perigo que vem do chão. Tais sinalizações se tornaram descrições cada vez mais aperfeiçoadas e para isso foi necessário uma linguagem extremamente plástica. Mas tais descrições poderiam ser bem feitas ou não, verdadeiras ou falsas, inúteis ou úteis, para resolver tais questões surgiu a capacidade argumentativa e se um argumento é válido ou inválido é uma questão lógica, ou seja, é uma questão de mundo 3. Deste modo surge o mundo 3, um mundo onde teorias, argumentos, problemas, questões, críticas etc. são julgados pelos seus méritos intrínsecos independente de como alguém se sente em relação a tais argumento, teorias etc. e de todas as suas relações com o mundo 2, e independente também de sua materialização no mundo 1. Tal espaço onde as teorias podem lutar contra outras teorias sem que os teóricos tenham que lutar entre si permitiu que as teorias morressem no

¹⁶ Ibidem, p.69

¹⁷ Baseadas em Bülser. Ver: Popper, 1975, op. cit, p.120

lugar de seus criadores o que é claramente uma vantagem adaptativa. Os seres agora poderiam planejar e pensar nas possíveis implicações de seus planos antes de praticarem os mesmos. Deste modo, um plano errado não mais leva a morte de seu criador. Assim Popper pode dizer que “a principal função da mente e do mundo 3 é que eles tornem possível a aplicação do método da tentativa e da eliminação do erro, sem a nossa violenta eliminação”¹⁸.

Tendo então estabelecida a realidade e a função adaptativa do mundo 3 é possível compreender então a função do mundo 2 e, deste modo, compreender a filosofia da mente de Popper como nos mostra o seguinte fragmento:

(...) a questão corpo-mente será o problema do relacionamento entre os mundos 1 e 2; se um elemento importante deste relacionamento for o fato de o mundo 2 funcionar como intermediário entre os mundos 1 e 3, então o problema corpo-mente ficará assim incompleto se não alargarmos o seu âmbito de forma a cobrir as relações recíprocas dos três mundos¹⁹.

Deve-se lembrar que o mundo 3 não é um aspecto do mundo 1, ele é parcialmente autônomo em relação tanto ao mundo 2 quanto ao mundo 1 e contém, dentre outros objetos, objetos incorpóreos. Mas surge então a questão de como são criados os objetos do mundo 3 e como eles interagem com o mundo 1. É exatamente neste ponto que o mundo 2 tem um papel a interpretar. São os pensamentos do homem que criam o mundo 3 e é através do mundo 2 que o mundo 3 interage com o mundo 1. Popper pode então dizer que “além dos objetos e estados físicos, eu suponho que existam estados mentais, e que eles são reais, já que interagem com o nosso corpo”²⁰. Assim, ele pretende provar a existência do mundo 2 pelo fato da interação do mundo 1 com o mundo 3. Pois os objetos do mundo 3, que são criações humanas, só interagem com o mundo 1 através do seres humanos e, para isso acontecer, o ser humano tem que estar percebendo o objeto do mundo 3 que, por sua vez, é um ato típico do mundo 2, onde o mundo 2 e o 3 interagem. Além disso, Popper presta uma atenção especial na capacidade de um ser humano aprender uma língua. Ele nos diz que a capacidade para se aprender uma linguagem faz parte da constituição genética do homem, nascemos com um aparelho fonoaudiológico específico e com uma impressionante capacidade cerebral, mas qual língua específica que uma pessoa vai aprender é um processo cultural, logo, de mundo 3. A interação entre mundo 3 e mundo 1 se dá por intermédio do mundo 2, uma criança, por exemplo, ouve e depois compreende uma palavra nova. A palavra pertence ao mundo 3 mas a experiência subjetiva de ouvir uma palavra e de compreendê-la pertence ao mundo 2. Assim, para ele, fica demonstrado a existência, a utilidade e a realidade do mundo 2 ou, em outras palavras, da mente. Como se dá esta interação é uma outra questão, o importante aqui é que ela se dá, Popper diz que “nós sabemos que (mas não ‘como’) o corpo e a mente interagem”²¹.

A mente não pode ser reduzida ao físico porque, como vimos, homens não são máquinas e, além disso, se o mundo 2 fosse um aspecto do mundo 1 a interação deste

¹⁸ Popper, 1995, op. cit., p. 264

¹⁹ Popper, 2002, op. cit. p. 20.

²⁰ Popper, 1995, op. cit., p.59

²¹ Ibidem, p. 197

com o mundo 3 seria um completo mistério. Mas “o mundo 2 é sem dúvida muito diferente do mundo 1”²². Deste modo, o mundo 2 é real e interage com o mundo 1 e o mundo 3, a interação com o mundo 3 se dá pelo processo de criação e recriação, já a interação com o mundo 1, que é exatamente o problema mente-corpo, é mais complicada. Segundo Popper nós sabemos que há esta interação e sabemos também que ela se dá no sistema nervoso central. Há uma relação estreita entre a mente e o cérebro, mas eles não são idênticos. O sistema nervoso foi selecionado na evolução das espécies principalmente pelo seu poder de locomoção, os primeiros sistemas nervosos tinham justamente o papel de coordenar o movimento. Deste sistema nervoso surgem as primeiras sensações como, por exemplo, a distinção entre claro e escuro. Com tal capacidade de distinguir um ser primitivo que estivesse no mar poderia detectar se existia um predador acima dele, a única coisa que ele precisava era um aparelho nervoso capaz de distinguir claro de escuro ligado ao seu aparelho motor de modo que quando houvesse uma mudança brusca do claro para o escuro o aparelho motor colocasse tal ser em movimento até que uma nova mudança brusca de escuro para claro aconteça. Deste modo, tal ser poderia tentar escapar de predadores. Assim o sistema nervoso tinha como função pilotar e direcionar o organismo, para isso ele precisava centralizar a capacidade de se mover, de outro modo ficaria girando em círculos, e precisava filtrar a informação que, segundo Popper, seria interpretada pela mente²³. Por este motivo é o sistema nervoso central e os órgãos dos sentidos que decidem qual informação vai ser passada para a mente. Abelhas, por exemplo, podem perceber a luz ultra-violeta e o homem não. O sistema nervoso das abelhas permite a passagem deste espectro da luz e o do homem não. Tendo a informação passado pelo sistema nervoso do ser humano, ela é interpretada pela mente que é quem tem o real poder de decisão do que irá fazer com tal informação. Deste modo, é a mente quem comanda as ações humanas, ela é algo do tipo de um piloto ou, para usar a metáfora computacional tão comum na filosofia da mente, ela é o programador do corpo. O cérebro é o instrumento pelo qual a mente, o “eu”, atua²⁴.

Podemos ficar claro então um papel importante da mente que teve um lugar decisivo na sua seleção, pois tem um claro poder adaptativo. Tal papel é o de solucionar problemas não-rotineiros. Problemas rotineiros podem ser solucionados através de respostas incorporadas pela seleção natural. Um animal que precise se alimentar de um tipo específico de planta acaba tendo membros ou órgãos especializados para isso porque tais órgãos e membros, se surgirem, serão selecionados²⁵. Mas se o problema não for rotineiro um animal que não tiver a capacidade de resolver tal problema poderá perecer. Mas o homem é capaz de perceber o problema e pensar em uma estratégia para resolvê-lo, além disso, ele pode tentar pensar se tal estratégia seria realmente boa considerando quais seriam as possibilidades dela dar errado. Só depois de decidido a melhor estratégia ele a aplicaria. Esta capacidade, que necessita do mundo 2 e do mundo 3, permite ao ser humano que sua estratégia morra sem que ele morra com ela.

²² Ibidem, p. 246

²³ Ver: Ibidem, p. 125

²⁴ Ver: Ibidem, p. 159

²⁵ A aparente inversão do Darwinismo é justificada por Popper com uma citação do próprio Darwin (Ibidem, p. 31). Resumidamente Darwin diz que mudanças nas estruturas podem causar mudanças nos hábitos, mas também mudanças nos hábitos podem criar o ambiente favorável para o surgimento e a seleção de novas estruturas.

Popper pretende deste modo mostrar que o seu interacionismo é a única teoria da mente que é adequada ao evolucionismo darwiniano. As teorias que Popper chama de materialista, mas que não negam a existência da mente, ou seja, as que acreditam no fechamento causal do mundo físico dizendo que a mente não causa nada de físico, não fazem sentido se pensadas em termos da seleção natural darwiniana. Se a mente não causa nada de físico, não muda em nada o comportamento dos seres que as têm e, por isso, não poderia ser uma vantagem adaptativa a ser selecionada. Já o materialismo radical nega os estados mentais o que, para Popper, é simplesmente absurdo e vai contra uma série de experimentos criados principalmente pelos teóricos da Gestalt²⁶. É um fato que nós temos estados mentais e que eles causam eventos físicos, o que torna tais estados reais. Exatamente por isso Popper considera que o seu dualismo interacionista está completamente de acordo com o darwinismo. Ele chega a ir mais além e afirma que, se levarmos em conta a existência da consciência e o darwinismo, somos levado ao interacionismo. A mente, por tudo que já foi dito, não pode ser física, mas para existir tem que ter alguma vantagem adaptativa, ou seja, tem que causar algo no mundo físico, temos assim o dualismo interacionista popperiano. Resumidamente temos: a opção do homem por falar criou o ambiente propício para o desenvolvimento do cérebro que por sua vez permitiu o desenvolvimento da mente e do mundo 3. Uma vez criado, o mundo 3 passa a ter um forte papel na modificação do mundo 1 que por sua vez proporciona o surgimento de novos eventos e estados de coisas que demandam a criação de novas teorias, ou seja, demandam o crescimento do mundo 3.

Fica claro então a relação que existe entre o mundo 3, o mundo 2, o dualismo interacionista Popperiano e toda a sua epistemologia. A divisão entre o mundo 3 e o mundo 2 é necessária para Popper porque ele quer diferenciar o conteúdo do pensamento do ato de pensar. Sem tal divisão a epistemologia deveria ser reduzida à psicologia, pois é esta que deveria estudar as leis e o funcionamento do mundo 2, em outras palavras, o conhecimento no sentido subjetivo²⁷. A epistemologia de Popper necessita de um espaço onde as teorias podem ser consideradas em si mesmas e podem ser criticadas independentemente de quem as criou, quando as criou e como as criou. Todas estas questões são questões secundárias para a epistemologia que deve se preocupar com as questões do mundo 3 e não do mundo 2, ou seja, com o conhecimento objetivo²⁸. Nas palavras de Popper se não há distinção entre o mundo 2 e o mundo 3 “não há ‘conhecimento’ exceto no sentido subjetivo ou do mundo 2. Não há conjecturas ou hipóteses, nem teorias de tentativa ou competição”²⁹. Ou seja, não há a epistemologia objetiva de Popper.

Já o dualismo interacionista, ou melhor, o pluralismo interacionista é necessário para que a separação entre o mundo 1, mundo 2 e o mundo 3 faça algum sentido. Se tais mundos não existirem ou forem reduzidos a aspectos do mundo 1 perde-se o espaço para se falar em racionalidade, validade, crítica racional etc. pois as ações do mundo 1, se forem consideradas como as únicas existentes no universo, são puramente físicas e no mundo da causalidade puramente física não há argumentos ou crítica racional, o que há são entidades que se empurram umas as outras, ou melhor, são campos que se

²⁶ Ver: *Ibidem*, pp. 90 - 95

²⁷ Ver: Popper, 1975, op. cit., p. 108

²⁸ Ver: *Ibidem*, p. 111

²⁹ Popper, 1995, op. cit., p. 222

repelem uns aos outros e nada mais. O mundo 1 considerado por si só não contém as leis da lógica, o máximo que ele contém são livros de lógicas e seres, os corpos dos seres humanos, que têm uma disposição para aceitar certos comportamentos verbais. Mas então Popper levanta a questão de se os princípios da lógica são válidos porque estão escritos nos livros e porque os lógicos estão dispostos a aceitá-los ou eles estão escritos nos livros e os lógicos estão dispostos a aceitá-los porque eles são válidos?³⁰ Fica claro que a única resposta que salva a racionalidade da lógica é a que diz que os lógicos estão dispostos a aceitar os princípios da lógica e escrever sobre eles porque eles são válidos. A aceitação dos princípios da lógica é uma relação causal entre o mundo 3 e o mundo 2, e escrever sobre tais princípios é uma relação causal entre o mundo 3 e o mundo 1 por intermédio do mundo 2. Deste modo, o materialismo não pode considerar as leis da lógica válidas em si mesmas. Do mesmo modo, o racionalismo fica ameaçado pelo materialismo como nos mostra a seguinte citação:

O materialismo pode ser verdadeiro, mas é incompatível com o racionalismo, com a aceitação dos padrões de argumento crítico; pois do ponto de vista materialista, estes padrões aparecem como uma ilusão, ou pelo menos como uma ideologia³¹

Para concluir temos então que a argumentação racional e crítica de teorias bem como a criação destas mesmas teorias, que são eventos fundamentais para a epistemologia de Popper, são eventos de mundo 3 que precisam do mundo 2 tanto para existirem quanto para interagirem com o mundo 1. Mas a separação entre tais mundo não faz qualquer sentido sem o pluralismo popperiano que só está de acordo com o darwinismo se for um pluralismo interacionista. Assim, o pluralismo interacionista mostra-se fundamental para a epistemologia de Popper. Fica então claro que a filosofia da mente de Popper é fundamental para a compreensão e a fundamentação da sua epistemologia que se for estudada sem ela perde todo o seu sentido. Deste modo, as inúmeras análises da epistemologia popperiana, que até chegam a explicar a sua filosofia da mente, mas que dão a ela mais um caráter de curiosidade do que um caráter de fundamentação, não se sustentam. Do mesmo modo, uma avaliação crítica da atualidade desta epistemologia só poderá ser feita se fizermos também uma avaliação crítica do dualismo, ou pluralismo, interacionista sobre o qual ela se sustenta. Sem este, aquela não poderá ser defendida.

Gustavo Leal-Toledo
PUC/Brasil

BIBLIOGRAFIA

- POPPER, Karl Raimund (1975) *Objective Knowledge. An Evolutionary Approach*. Oxford: Oxford University Press.
- (2002) *O conhecimento e o problema corpo-mente*. Lisboa: Edições 70.
- & ECCLES, John C. (1995) *O Eu e Seu Cérebro*. Brasília: Ed. UNB.
- TOLEDO, Gustavo Leal (2003) *As Críticas a Filosofia Dualista da Mente*. Monografia. UERJ.

³⁰ Ver: Ibidem, p. 108

³¹ Ibidem, p. 113.